TRONODOCRONO

de GABRIELA RABELO
e
JOSÉ RUBENS SIQUEIRA

A cena é o fundo da mata.

Os objetos de cena estão dispostos de forma a indicar claramente os quatro pontos cardeais, uma rosa dos ventos, cujo centro é uma fogueira com o caldeirão de comida.

O fundo todo é uma grande cachoeira imobilizada.

Ao se acender a luz, o cenário está fechado por uma tela branca. Nela se projetam sombras chinesas, ilustrando o texto do prólogo.

PRÓLOGO

NARRADOR - Lá no alto da montanha,
no coração da floresta,
era uma vez um lugar
chamado Tronodocrono.
Não se sabe bem porque,
o tempo ali foi parando,
foi parando de correr.
Nada nasce, nada cresce,
nada morre em Tronodocrono.
As nuvens todas, branquinhas,
que estavam sempre mudando
e voando pelo ar,
agora estão paradinhas,
presas no mesmo lugar.
O vento que ali soprava, num
dia forte, no outro bem devagar,
há muitos e muitos anos
o vento parou de ventar.

E tem bandos de andorinhas,
canários, pombos, sabiás,
tudo parado no ar,
as asas abertas, voando,
mas sem sair do lugar.

O rio Tronodocrono
que era tão largo, tão fundo,
de água limpa, cristalina,
despencando na cachoeira
tão boa pra se banhar,
o rio que ia ligeiro
não vai mais pra nenhum lugar.

As águas estão paradas,
lisinhas, feito um espelho.
E lá dentro dá pra ver
peixe, peixinho, peixão,
todos nadando, nadando,
mas sem sair do lugar.

Da terra que era tão rica,
nascia tudo o que era mato,
desde o capim mais comum,
até as árvores mais altas.
Tem campos inteiros, bem grandes,
cobertos todos de flores.
Das árvores, dependuradas,
frutas de todas as cores:
caju, manga e abacate,
laranja, limão, tomate.
Algumas inda estão verdes,
outras maduras, cheirosas.
Tem até as que estão prontas
pra na terra mergulhar
e fazer das suas sementes
uma outra planta brotar.

Mas nada disso acontece,
porque ali em Tronodocrono,
nada muda de lugar.

No meio de toda mata,
tem bichos de todo tipo
que se pode imaginar:
paca, tatu, coelho, sapo,
cotia, até jacaré.
Uns dormindo, outros comendo,
na beira do rio bebendo,

andando, saltando, correndo,
mas sem sair do lugar.
Na terra, na água, no ar,
tudo, tudo está parado,
menos um fogo fraquinho
que brilha sem se apagar.

A tela frontal começa a subir lentamente, revelando os quatro personagens imóveis, iluminados apenas pelo clarão avermelhado do foco.

NARRADOR - É porque, em Tronodocrono,
de todos os seres viventes,
sobram apenas quatro gentes,
cuidando da fogueirinha.

CENA 1

Lentamente, os quatro começam a dançar e cantar em torno do fogo.

TODOS - Tem um fogo,
que não pára de arder.
H - Vamos comer.
TODOS - Ele queima sem parar.
Não sei como começou
nem sei se vai terminar.
MA - Vou me lembrar, vou me lembrar.
TODOS - E nós temos de cuidar
pra ele nunca sumir.

Eles vão comendo, cantando e dançando. A tela frontal torna a baixar, iluminada apenas pelo clarão do fogo. Em silhueta, como as sombras do prólogo, os quatro saem de cena. Um grande vulto surge, sorrateiramente, cruza a cena, rouba comida do caldeirão e torna a sair. As luzes mudam, a tela sobe, revelando M e MA trabalhando sozinhas em cena, arrumando as coisas.

CENA 2

M - Olha aí, de novo!

MA - Hã?

M - Já não basta você que vive falando umas coisas esquisitas...

MA - Eu?

M - É, coisa que a gente nunca viu, nem nunca ouviu falar. Agora, olha aí, de novo!

MA - De novo o quê?

M - Mexeram de novo na comida.

MA - Ninguém mexeu não.

M - Mexeu, estou dizendo que mexeu. Foi você?

MA - Eu não.

M - Então já sei quem foi. Um daqueles dois. Eles têm mania de xeretear as coisas, fuçar em tudo. Deixa eles aparecerem aqui pra ver só uma coisa.

CENA 3

H entra ressabiado, pelos cantos.

M - Quem mandou você mexer na comida, hein?

H - Eu não mexi.

M - Mexeu sim.

H- Mexi nada.

M - Se não mexeu, então por que está com essa cara?

H - Eu vi uma coisa.

M - Viu nada.

H - Vi, vi. Estou dizendo que vi.

M - Viu coisa nenhuma.

H - Vi.

M - Está mentindo.

H - Eu vi.

M - Devia ser mais um boneco que aquele outro maluco inventou. É só ele espetar dois galhos de árvore numa abóbora pra você achar que viu alguma coisa.

H - Não. Dessa vez não era boneco não. Era uma coisa esquisita.

MA - Tinha os pés virados pra trás?

H - Isso eu não vi.

M - Tá vendo? Você não viu nada.

H - Não vi os pés, mas vi uma coisa.

MA - Vai ver é o Curupira.

M - Curu o quê?

MA - Curupira. Mas só se tiver os pés virados pra trás.

M - (*com um certo desdém por ma*) Hã-hã. (*para H*) Se não tinha pés onde é que ele estava então? Parado no ar?

H - Eu não disse que não tinha pé. Disse que não vi o pé.

MA - Era preto?

H - Não sei, estava escuro.

M - Se estava escuro como é que você viu, então?

H - É que não estava tudo escuro. Estava só meio escuro.

M - Então você só meio viu.

H - Não. Eu vi mesmo, mas não vi inteiro.

MA - Pode ser Saci...

M - Mais uma invenção...

MA- Tinha uma perna só?

H - Já disse que não vi as pernas.

M - Não. Você não falou nada de pernas. Você disse que não viu os pés. Onde é que ele estava?

H - Atrás da moita.

M - De pé?

H - É.

M - Mas como você sabe que ele estava de pé se você não viu os pés?

H - Tem coisa que a gente vê sem enxergar. Eu acho que ele estava de pé.

M - Podia estar ajoelhado e ser enorme.

MA - Gigante. Era gigante. Tinha um olho só no meio da testa?

H - Não. Tinha dois olhos, olhando muito assim, detrás da moita.

M - Você não viu nada.

H - Estou falando que vi. Eu estava andando no meio do mato. De repente, senti um cheiro...

M - Sentiu nada.

H - Senti. E ouvi um barulho...

M - Ouviu nada.

H - Ouvi. Aí eu virei...

M - E viu?

H - Não. Senti que tinha coisa atrás da moita. Daí eu fui chegando perto, chegando perto... De repente, a moita sacudiu e APARECEU.

M - O quê?

H - Não sei.

M - Se você viu, como é que não sabe?

H - Eu vi, mas não sei o que é. É uma coisa que eu nunca vi antes.

M - Era grande?

H - Assim, ó. Dois olhões grandes, me espiando, me espiando... Aí eu parei.

M - E ele?

H - Eu olhava daqui, ele olhava de lá. Eu aqui... ele lá... De repente, saiu correndo e se enfiou no meio do mato. Aí eu não vi mais nada.

CENA 4

HO - (*gritando, de fora*) Eu vi! Eu vi! (*entra*)

MA - O Saci? O Curupira?

M - Viu o que?

HO - Não sei. Só sei que eu vi.

M - Agora o outro...

H - Não falei?

M - Já sei. Você estava andando no mato, sentiu um cheiro, ouviu um barulho, a moita mexeu e apareceu uma coisa assim, com dois olhões que olhavam muito e que acabou correndo pro meio do mato.

HO - Nada disso.

MA - Podia ser o Curupira...

HO - O que?

MA - Curupira. É uma gente que vive no mato.

M - Gente que nem a gente?

MA - Não, o Curupira é diferente. É pequeno assim mesmo. Tem os olhos bem vermelhinhos, as orelhas pontudas pra ouvir todos os barulhos e vive correndo pela mata, protegendo os animais em perigo.

H - O que eu vi corria muito.

HO - É, sim. A coisa corria tanto que nem dava pra ver ela direito. Não parava no lugar. Quando eu olhava pra cá, já estava lá. Quando eu olhava pra lá, já tinha sumido.

MA - Os pés dele são virados pra trás.

HO - Por que?

MA - Pra despistar quem quiser ir atrás dele.

HO - É, era meio parecido com isso, mas o que eu vi não tinha os pés pra trás não. (*para H*) O seu tinha?

H - Já disse que não vi os pés!

M- Não viu pé nem coisa nenhuma!

MA - Tem também o Saci.

HO - Qual Saci?

MA - Que vive no mato, viaja no vento. Arteiro que nem ele só. Vive mexendo nas coisas.

H - Vai ver então que foi ele que mexeu na comida. E você botou a culpa em mim.

M - Que Saci que nada. Foi um de vocês dois.

HO - E como é que ele é?

MA - Tem um gorrinho vermelho, um pito aceso na boca. É miudinho, preto, com uma perna só.

HO - Uma só?

MA - É.

HO - Então não era Saci. O que eu vi tinha duas pernas. E o seu?

H - (*irritado*) Já disse que não vi as pernas! O que eu vi mesmo foram os olhos, me espiando por trás da moita, brilhando.

HO- Como duas brasas?

H - Não. Brilhando, mas não como brasas.

MA - Brasa... Fogo... Punha fogo pelas ventas? Fogo na venta é dragão. Ou mula-sem-cabeça.

M - Ih, pára de contar essas coisas que não existem. Vê se lembra de coisa melhor. Não está vendo que eles estão inventando coisa pra gente pensar que não foram eles que mexeram na comida?

HO - Ah, é? Estamos inventando? Então vai lá pra ver.

M - Eu não. Não vou porque sei que é mentira. Se fosse verdade eu ia. Mas vocês dois mentem muito. Sempre.

HO - Eu não minto, não. Você é que não acredita.

M - Chega de novidade. Bota mais lenha na fogueira. E vamos comer.

CENA 5

M começa a arrumar as coisas para o jantar, dançando e cantando. Os outros dançam e cantam também, avivando o fogo.

M - Tem um fogo,
que não pára de arder.

H - Aqui em Tronodocrono
só nós podemos andar.
O resto que aqui existe
nunca muda de lugar.
Como foi que a moita mexeu?
Como?
Se aqui não tem outra gente
além dela, dela, dele e eu?
Como foi que, de repente
no ar com cheiro de mato
outro cheiro apareceu?

HO - Com uma abóbora e uns pauzinhos
Eu já inventei muito bicho.
Com duas folhas dobradas
invento até passarinho.
Pra cada bicho que invento
ela (*aponta MA*) sempre tem um nome.
E a outra (*aponta M*) se assusta,
mas nunca, nunca acredita.
De repente a coisa muda

e quem se assustou fui eu
quando no meio da mata
essa coisa apareceu.

M - Ele queima sem parar.

H - Eu senti o cheiro dele.
Um barulho ouvi também.
Os olhos dele me olhando,
os olhos dele, eu vi.

HO - Se não era Curupira,
também não era Saci,
eu ainda não entendo,
por que é que ele foi fugir?

M - Não sei como começou
nem sei se vai terminar.

MA – Já falei tudo o que eu lembro,
do resto não lembro bem.
Vou me lembrar, vou me lembrar.

M - E nós temos de cuidar
pra ele nunca sumir.

MA - Vou me lembrar, vou me lembrar...

CENA 6

Cantam, dançam e aos poucos se imobilizam numa pose. O cenário se agita.
Passa um vulto atrás do mato, fazendo ruído ao roçar as folhas. Os quatro continuam imóveis. A "coisa" surge em cena: é um menino. Ele entra sorrateiramente, cauteloso; examina cada um dos quatro, imita os passos de dança que cada um fazia ao dançar. Toma o seu tempo para se fazer bem notar pela platéia. Chega até o caldeirão, cheira a comida. Come, enquanto olha os quatro, um por um. Boceja, acomoda-se junto ao fogo para dormir. Dorme.
Tempo. Os quatro tornam a se mexer. H vê o menino.

H - Olha!

Formam um círculo imóvel em torno do menino que dorme.

M - Hmmmm. Esse aí você caprichou, hein?

HO- Não fui eu que fiz, não.

M - Hum, não foi! Só que eu não sei do que é que você fez ele. Do que foi? De barro?

HO - Não fui eu, estou dizendo. Foi essa coisa aí que eu vi correndo no mato.

H - É sim! Foi isso mesmo que eu vi me olhando detrás da moita e que depois correu pro meio do mato.

M - E isso aí mexe por acaso? Olha como está parado.

MA - Ele está... dormindo...

M - (*falando alto*) Dormindo? O que que é isso? Dormir??

O menino desperta e se põe de pé, assustado.
Os quatro também se assustam, recuam um passo. Por um momento fica tudo em suspenso. Todos se olhando com medo.
De repente, o menino avança para fugir.

M - (*grita*) Pega ele! Não deixa ele fugir!

Grande correria. O menino dribla um, mas cai nos braços de outro. Escapa do outro e é apanhado por um terceiro e assim por diante até que, finalmente, todos saltam sobre ele num bolo de gente. Quando se levantam, o menino está totalmente amarrado, se debatendo em silêncio.
Os quatro olham um tempo.

HO- Que que é isso? Anda feito gente, olha feito gente, corre feito gente, mas não é gente que nem a gente?

MA - Eu sei... Eu sei que sei... Espera um pouco. Estou me lembrando...

M - Mas o que é?

MA - Espera, já disse... É... Estou quase sabendo... é...

HO - Fala logo.

MA - Bicho não é.

H - Planta não é.

HO - Pedra também não é.

M - O que que você é?

O menino olha assustado. M avança para ele.

M - Pra que que você serve?

O menino olha assustado. M avança mais um pouco.

M - Do que é que você é feito?

M chega até ele e estende a mão para tocá-lo. O menino morde.

M - (*grita*) Ai! Ele me mordeu.
MA - Mordeu? Então é bicho. Bicho morde.
M - Só na sua cabeça. Eu nunca vi bicho morder, comer, mexer, andar...
H - Mas ele mexe. Feito gente...
M - Então vamos deixar ele bem preso pra não sair do lugar. Não quero confusão aqui em Tronodocrono (*e vai trabalhar*).

Um tempo. H, HO e MA observam o menino.

M - Vamos trabalhar. Chega de vagabundagem. Olha aí, o fogo. Precisa botar mais lenha. Vamos trabalhar.

H, HO e MA ficam olhando o menino, absortos, sem dar atenção a M.

M - O que é que estão fazendo aí parados, olhando feito bobos? Nunca viram, não?
H, HO e MA - Não!
M - Só porque esse bicho esquisito apareceu a gente não vai mudar tudo. Vamos trabalhar.

H e HO saem arrastando os pés. MA fica olhando o menino, concentrada.

M - E você? Vai ficar aí parada? Vamos! Vá tirar o pó do rio.

MA sai, preocupada.

M - (*gritando para MA que já está fora de cena*) E vê se deixa a água bem brilhante.

Assim que fica sozinha, M olha atentamente o menino, examinando-o curiosa. Começa a varrer.

M - Bicho mais esquisito!!! Como será que consegue se mexer? Vamos, diga alguma coisa. Se você mexe é porque é gente. E gente fala. Fala!

O menino olha, mudo.

M - Fala! Será que se eu te bater você grita?

M levanta a vassoura. O menino se encolhe para receber o golpe, mas é salvo pela entrada de HO, que atravessa o palco de um lado para o outro, resmungando. M volta a varrer.

HO - Ai, ai... Não sei porque a gente trabalha tanto... Eu estou... cansado. Can-sa-do. É isso. Cansado. (*sai*)

M - Cansado? O que mesmo que quer dizer isso? Que esquisito, nunca vi ele assim... (*para o menino*) Se você tiver alguma coisa a ver com isso...

M torna a levantar a vassoura. o menino se encolhe para receber o golpe, mas é salvo por H que atravessa a cena, falando sozinho.

H - Pra quê?... Pra quê?... Por que?... Pra quê, pra quê, pra quê?...

H sai pelo outro lado.

M - Agora o outro reclamando também. Isso não é normal. E eu tenho certeza que a culpa é sua. Vamos logo, desembucha! Quem é você? Fala, responde!

M sacode o menino que torna a mordê-la. Ela grita e levanta a mão para bater. O menino se encolhe para receber o golpe, mas é salvo por MA que retorna. M volta-se para ela.

M - Já terminou o seu trabalho?

MA - Ainda não. É que me deu uma vontade de ver o coisa mais uma vez...

M - Que ver coisa nenhuma! Volta já pro seu trabalho!

MA dá uma voltinha perto do menino e volta para o trabalho.

M - É muito mistério pro meu gosto. Primeiro aparece esse... esse coisa correndo por aí. E agora eles começam com essas coisas esquisitas. Não estou gostando. Não estou gostando nada disso.

Enquanto ela fala e varre energicamente, se refugiando no varrer, MA retorna e vai até o menino. M não percebe, sai de cena varrendo. MA examina o menino, alisa seu cabelo. O menino reage agressivamente, mas pouco a pouco se abandona como um gato. MA coça-lhe a cabeça com energia, começa a cantarolar.
HO entra, senta no chão desanimado.

HO - Pra que trabalhar? Pra que comer? Eu quero... dormir... Dormir... que nem ele.

M entra a tempo de ouvir HO.
MA solta o menino.

M - O que é que você tá fazendo?
MA - Eu soltei ele.
M - Tá maluca? Não podemos soltar ele enquanto a gente não descobrir o que ele é.
MA - Por que é que ele não pode ficar solto enquanto a gente descobre?
M - Porque... porque não! Eu... eu fico... fico perturbada. Me dá essa corda.

M arranca a corda de MA e avança para o menino. Ele foge correndo, sai de cena.

M - Ele fugiu! Está vendo o que você fez?
MA - O que?
M - Deixou escapar uma coisa que a gente nem sabe o que é. (*para HO*) Você aí!
HO - Hã?
MA - Ele tá dormindo!...
M - Que dormindo o que! Isso não existe. Levanta!
HO - Hã? Hã?

M bate nele com a vassoura.

M - Vamos! Levanta daí e vai procurar aquele bicho que fugiu.

H - (*entra correndo, gritando*) O sol! O sol tá indo embora! Eu vi!

M - Viu nada! Está mentindo.

H - É verdade! Eu tava andando no mato e achei que as sombras das árvores estavam meio fora de lugar. Aí eu olhei pra cima e vi que o sol estava andando no céu. Bem devagarinho pra gente não perceber.

M - Não é possível. (*desconfiada*) Vai lá olhar melhor!

H sai.

MA - Isso não é normal. Me lembra alguma coisa que eu não consigo lembrar...

M - É, não é normal mesmo. Nada mais é normal por aqui. Até eu estou sentindo umas coisas...

H retorna.

MA - E então?

H - O sol está deitando atrás das árvores.

HO - Está cansado também.

H - E está ficando tudo escuro.

As luzes começam a cair em resistência, muito lentamente.

M - Está vendo? Bem que eu não queria soltar aquele... aquele coisa esquisito.

H - O que é que nós vamos fazer?

H torna a sair, preocupado, HO olha em torno, meio tonto de sono.

M - Aquele peste deve ter roubado o sol! É isso!

MA - Mas como? Ele é tão pequeno...

M - Como eu não sei. Mas tenho certeza que foi ele.

H retorna.

H - Tronodocrono está escuro.

Faz-se escuro. Apenas o clarão vermelho do fogo ilumina a cena. Eles cantam.

HO - Estou sentindo uma coisa
Não sei o que pode ser,
Tá dando um frio aqui dentro
e sinto a perna tremer.

H - Minhas mãos estão suando,
meus olhos arregalando,
ai, ai, ai,
mas eu não quero enxergar.

M - Nunca ouvi tanta besteira.
Isso não é nada, não é nada!

HO - Então por que você treme?

M - Quem falou que estou tremendo?

HO - Suas pernas estão assim, ó!

M - Estão assim porque quero.
(*para si mesma*) Na verdade, não consigo
parar de me balançar.
Não sei o que é que há.

MA - Isso que estamos sentindo
Tem um nome, tem, que eu sei.
Espera, vou me lembrar...
Acho que chama... Medo!

M - Medo?

H - Medo?

HO - Medo?

MA - Medo!

TODOS - Medo, medo, medo, medo,
medo, medo, medo, medo.

H - É uma coisa esquisita.
Dá vontade de fugir.

HO - Dá vontade de sumir
De não estar mais aqui.

TODOS - Medo, medo, medo, medo,
medo, medo, medo, medo.

MA - Esse escuro assim tão grande
tem o seu nome também.
Está aqui na minha cabeça
mas ainda não lembro bem.

TODOS - Medo, medo, medo, medo,
medo, medo, medo, medo.

MA - Noite, é noite o nome.

TODOS - Noite, noite, noite.
Medo, medo, medo, medo.

M - Nesse escuro tudo some.
Quase não dá pra enxergar.
Como é que vamos fazer
para poder trabalhar?

MA - Noite, noite, noite, noite.
Noite é feita pra dormir,
pra dormir e pra sonhar.

M - Quer dizer que é só isso que nós vamos fazer agora aqui em Tronodocrono? (*já bocejando, se ajeita para dormir. Os outros também já foram se ajeitando. As estrelas giram no céu.*)

Um tempo. O menino entra cautelosamente. boceja, acomoda-se junto de M para dormir. Dorme. Sem despertar, M o empurra para longe.

O menino se acomoda junto de HO. HO se agita, vira-se, o menino vai para junto de H.

Sem despertar, H o abraça. O menino luta para se desvencilhar, consegue soltar-se e vai se aninhar entre os braços de MA; ela o acomoda melhor, sem despertar. Ele dorme.

Um tempo.

MA desperta, senta-se, sem despertar o menino que dorme em seus braços. Ela o examina terna e demoradamente. Oscila o corpo para frente e para trás, ninando a criança.

Aos poucos, do fundo de MA brota uma canção que ela murmura, sem palavras.

Os outros continuam dormindo.

Ao longe, um galo canta. Os outros acordam.

H - Mas o que que é isso?

HO - Quem gritou assim?

H - O que está acontecendo?

O galo canta novamente.

MA - O galo... Isso é o galo...

M - Foi você, hã?

O menino olha sem entender e recua um pouco, atemorizado.

MA - O galo cantou.

M - Que galo o que! Por acaso isso aí é um galo?

MA - Esse aqui, não. Mas o que cantou é.

M - E desde quando galo canta? Quem cantou foi você, não foi?

O menino só olha para ela. O galo canta novamente.

H - Tá vendo? Não foi ele que cantou.

MA - Já falei que não foi ele, foi o galo.

M - Não entendo mais nada. A gente não ia só dormir? Cadê o sol que você roubou?

O dia vai clareando lentamente. Ruído de vento começa a soar baixinho, aumentando de volume. Todos se imobilizam, ouvindo, assustados.

Pássaros começam a cantar aos poucos.

A cachoeira se mexe e começa a correr com ruído de água.

Gradativamente o ar se enche de uma sinfonia de ruídos naturais da floresta.

Todo o cenário se agita.

Os quatro apavorados se juntam num canto, olhando em torno.

O menino não se perturba. Alheio aos ruídos, vai até o caldeirão e come.

M - Que barulheira é essa? Que confusão!

H - A cachoeira está indo embora!

HO - A floresta está mexendo!

MA - Olha as nuvens! É o vento...

Um bando de passarinhos cruza o palco, voando baixo. O menino sai correndo atrás.

M - Cuidado, gente!

H - Olha lá! Olha lá!

MA - É o sol! Ele está voltando.

O menino volta. Os cinco ficam olhando o sol nascer. As luzes sobem, douradas e vermelhas. Os ruídos, melodiosos, aumentam.

M - Eu não disse que ele que tinha roubado? Ainda bem que trouxe o sol de volta.

M vai para perto do menino. Ele foge novamente. Os ruídos aumentam.

M - Mas afinal o que é que está acontecendo aqui? Que zoeira! Que confusão!

H - Não dá pra saber nem onde eu estou.

HO - Parece outro mundo. Tão diferente.

MA - Minha cabeça está rodando...

M - Não consigo entender nada.

H - Ele é tão pequenininho e faz uma confusão tão grande.

MA - Pequeno... Gente pequena... Estou lembrando...

Um trovão soa ao longe. Os ruídos começam a diminuir.

H - Escuta, escuta!

Todos param e ouvem. O trovão torna a soar, longínquo.

HO - Que será isso?

M - O que será que aquele peste está inventando agora?

MA - Mania de botar a culpa no coitado. Vai ver que nem foi ele.

H - Gente! O sol tornou a sumir.

M - E como é que não ficou escuro?

O trovão ribomba, forte e próximo. Os quatro se juntam, com medo.

A chuva começa a cair pesadamente.

HO - A cachoeira! A cachoeira está caindo em cima da gente.

H - Ai, que frio!

Eles correm, fugindo da chuva. Se abrigam debaixo da árvore, e ficam olhando a chuva cair. Cantam:

M - Aqui em Tronodocrono
tudo está muito mudado.
Nós quatro que sempre andamos
agora estamos parados.
E as coisas todas que estavam
sempre quietas, sossegadas,
de repente estão correndo, girando, saltando, pulando, voando, tremendo, correndo, bebendo, subindo, descendo, mexendo, mexendo, rodando, rolando, andando, gritando, berrando, marchando, cantando, mexendo, mexendo, se coçando, se coçando, roçando, bulindo, fugindo, fugindo, indo, vindo, indo, vindo, indo, vindo, indo, vindo...

Enquanto M canta versos de movimento marcando o ritmo da canção, os outros cantam em cima, em dueto com ela.

HO - Pra onde é que tudo vai?
Será que todas as coisas
vão fugir de seu lugar
e aqui em Tronodocrono
só nós que vamos sobrar?

H - Se a cachoeira for embora
o que é que fica no lugar?

MA - Acabo de me lembrar!
A cachoeira vai correndo
sem sair do seu lugar.
E a mesma água que passa
acaba por retornar.

Em raio ilumina a cena bruscamente, seguido de trovão muito forte. O menino volta correndo e se gruda em MA. Todos se agarram uns nos outros. A chuva começa a diminuir de intensidade. Algumas frutas despencam da árvore. Uma delas atinge M na cabeça. Ela grita e dá um pulo.

M - O que que é isso?

MA - Não é nada. É uma fruta que a chuva derrubou.

M - Que chuva que nada. Foi esse peste que atirou a fruta em mim (*M avança para o menino, MA se interpõe*).

HO - (*ajudando MA a proteger o menino*) Caiu sozinha a fruta. Eu vi!

M - Você está sempre vendo coisas.

Ela desiste de se desforrar do menino, mas continua brava com ele.
A chuva cessa. H pega uma fruta caída e começa a examiná-la. O menino pega uma fruta e come. H faz o mesmo. O menino dá um pedaço para MA. Ela come, cospe uma semente. Pega a semente novamente do chão. Fica olhando, pensativa.

MA - Semente... Pequeno é semente... É filhote... Ele é filhote de gente.

H - O que você disse?

MA - Ele é filhote de gente.

HO - O que que é isso, filhote?

MA - Uma coisa pequena. Ele é gente pequena, vai crescer.

H - Quer dizer que ele vai ficar grande, forte e bonito que nem eu?

M - Isso aí, gente que nem eu? Nunca! Nunca!

O menino pega uma fruta do chão e vai levar para M.

M - Que que é? Vai me atirar uma fruta de novo, vai?

O menino estende a fruta. M pega a fruta e atira longe.

M - Eu não pareço com você, seu peste!

O menino se refugia junto aos outros três, que o acolhem.

M - (*quer voltar atrás, mas não consegue. Isso a irrita mais*) Desde que você chegou aqui, seu Curupira, seu Saci, seu mula-sem-cabeça, que eu já não entendo mais nada. Dentro de mim tá bagunçado. Ai, que... que raiva! Que raiva! Que raiva! Pára com esse barulho! (*pega umas frutas e joga longe*) Tira essa porcaria daqui! Vai já botar de novo no lugar! Enxuga esse chão! Pára com esse barulho! Que raiva! (*tem um ataque de raiva. Os outros ficam parados, perplexos, olhando. Os três ficam com o menino que está amedrontado. Eles fazem um pequeno movimento indicando intenção de se afastar*). Onde é que vocês vão? Vamos tratar de limpar tudo aqui.

Os quatro se olham, como que avaliando se vão obedecer ou não. O menino pega HO e H pelas mãos e procura levá-los em direção oposta à que está M.
Ela pega a vassoura e dá uma vassourada no chão. Eles param.

M - Trabalhar, já disse. Vamos botar ordem nas coisas. Quero tudo isso aqui limpo, brilhando, em ordem, cada coisa no seu lugar! (*eles voltam para começar a trabalhar*.) E você, seu peste, pode começar a botar tudo no lugar de onde você tirou. Anda, já!

O menino, atemorizado, começa a guardar as coisas. De repente, pega a Corda que o enrolara e vai jogar na fogueira.

M - Não. Não joga isso fora não. Eu posso precisar de novo. (*vai buscar a corda. O menino segura a corda fortemente*). Me entrega isso, anda!

O menino resiste. M puxa a corda de um lado, o menino de outro. De repente, M solta a corda e o menino cai na fogueira. Queima-se, grita, rola até o centro do palco onde fica imóvel. Os quatro ficam assustadíssimos. MA corre e pega o menino no colo. Um instante de perplexidade.

M - Ele tá dormindo?
MA - Não... agora não... é diferente.
H - Então por que que ele não abre os olhos?
HO - O sol não foi embora, por que que ele está dormindo?
MA - Pra não sentir dor...
H - Dor?
MA - Ele caiu no fogo, se machucou, dói.

M - Dói?

MA - Muito...

M - Ele não vai acordar?

MA - Tomara. Porque senão...

M - Senão o quê?

MA - Senão a gente fica sem ele.

M - Mas ele não tá aí?

MA - É. Está, mas não está. Ele não mexe mais.

M - O fogo tá quase apagando. Precisa botar mais lenha.

H bota lenha na fogueira. M, impaciente, sacode o menino que não reage.

MA - Acabou.

HO - Apagou?

MA - Não. Acabou. Ele não mexe mais.

M - Quer dizer que ele vai ficar igual a tudo aqui como era antes dele chegar?

Silêncio.

M - Você não disse que ele ia crescer?

MA - É, ia. Mas não vai mais.

M - E a gente nem descobriu o que ele é.

MA - Menino... Ele é menino... Semente. Filhote. Menino.

H abana o fogo que está apagando. HO vai ajudá-lo.

M - Vamos arrumar as coisas? (*MA vai, sem responder*).

O fogo começa a crescer. M vai arrumar o menino. Ao carregá-lo, toca em seu peito.

M - Olha, vem cá! (*os três se aproximam*) Tem uma coisa mexendo dentro dele.

H encosta o ouvido para ouvir. O menino se mexe.

H - Ele mexeu.

HO - Abana. Abana pra ele não apagar.

H e HO abanam o menino. Ele se mexe mais.

M - Tá mexendo. Ele não acabou não.

O menino geme.

M - Falou. Ele falou.
HO - Ele não apagou, não!
H - Ele vai crescer.

O menino geme novamente.

MA - Estou me lembrando... Folha de bananeira é bom, refresca...
M - (*para H*) Então vai buscar. Anda, corre, que que tá esperando?

H sai.

MA - E mentruz, também é bom.
HO - Vou buscar.
M - Lava bem e amassa bastante as folhas.
HO - Da bananeira também?
M - Da bananeira, não. Amassa só o mentruz.
MA - Logo, logo você vai ficar bom.

H e HO voltam com os remédios. M e MA aplicam no menino. M tira um pedaço de sua roupa para fazer uma atadura para o menino. Os quatro cuidam dele, numa cena muda. Com diversos entra e sai. A noite cai. Em cima da narração que se segue, os quatro continuam cuidando do menino.

NARRADOR - Veio a noite e mais um dia
uma semana, um mês.
Tudo o que antes dormia,
tava acordado outra vez.

E o menino crescia,
crescia bem devagar.
Mexia em tudo o que via,
mas não aprendia a falar.

A luz vai assumindo coloração diurna: o dia volta a amanhecer.

TODOS - Tem um fogo
que não pára de arder.
Ele queima sem parar.

Como é que a gente podia
Viver como a gente vivia.

Não sei como começou
Nem sei se vai terminar.

Todo dia o mesmo dia
sem noite pra separar.

E nós temos que cuidar,
pra ele nunca sumir.

Essa canção, que é a mesma do princípio, agora é dançada junto com o menino, que imita os passos de cada um. No final, o menino dá uma cambalhota. Cada um dos quatro imita o menino. M vai por último e cai; o menino ri. Todos o olham, perplexos, um tempo. HO ri. Todos olham para ele. H e MA riem também. Olham para M, que está muito séria. M tenta rir. Não consegue. Todo mundo ri dela. E ela acaba por rir junto.

M - Eu ri, eu ri.
H, HO e MA - Eu vi, eu vi.
H - Eu vi a moita mexer.
HO - Eu vi um bicho correr.
MA - Eu vi coisa que eu lembrava.

M - E eu não quis acreditar.

HO - Cê dizia que eu inventava.

M - Eu não podia acreditar.

mas agora eu posso ver.

H, HO e MA - Eu vi, eu vi.

M - Posso ver.

H, HO e MA - Eu vi, eu vi, eu vi.

MENINO - Vi.

M - Posso ver.

MENINO - Posso ver.

TODOS - Vi

MENINO - ver.

TODOS (*inclusive menino*) - Vi - ver. Vi - ver.

H - Vem

TODOS - Vi

HO - vi

TODOS - Vem

M - ver.

MA - Vi

TODOS - ver.

TODOS - Vi - ver - vi - vem - ver - vi - vem - ver - vi - ver - vem - ver - vem - viver.

Enquanto eles cantam e dançam, a tela vai baixando lentamente.

NARRADOR - Lá no alto da montanha,

no coração da floresta,

era uma vez um lugar,

chamado Tronodocrono.

FIM

São Paulo, fevereiro de 1982